FINANÇAS PESSOAIS: UM ESTUDO DAS ASSOCIAÇÕES ENTRE O CONHECIMENTO SOBRE FINANÇAS E AS CARACTERÍSTICAS DOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DA ÁREA DE NEGÓCIOS

Rhayane Aparecida Ferreira Miranda
Graduada em Ciências Contábeis
Universidade Federal de Uberlândia
Rua Sebastiana Arantes Fonseca, 1085 – Santa Mônica – Uberlândia-MG
naynne_afm@hotmail.com

Edvalda Araújo Leal
Doutora em Administração pela Fundação Getúlio Vargas (FGV-SP)
Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis/Universidade Federal de Uberlândia
Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco F, Sala 246, CEP 38.400-902, Uberlândia/MG
edvalda@ufu.br

Tamires Sousa Araújo
Doutoranda em Ciências Contábeis
Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis pela Universidade Federal de Uberlândia
Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco F, Sala 256, CEP 38.400-902, Uberlândia/MG
E-mail: tamiresousa124@hotmail.com

RESUMO
A proposta deste trabalho foi analisar as associações entre o conhecimento sobre finanças pessoais e as características dos estudantes universitários de cursos na área de negócios (Ciências Contábeis, Administração e Economia) de uma instituição pública localizada em Minas Gerais. O instrumento adotado para a coleta de dados foi adaptação do modelo de Halpern (2003) apresentado no trabalho de pesquisa de Lizote & Verdinelli (2014). A amostra foi composta por 227 estudantes matriculados no quinto, sexto e sétimo períodos do curso. Para a análise dos resultados, utilizou-se a estatística descritiva e o teste não paramétrico Mann Whitney. Quanto aos resultados, percebeu-se que o conhecimento sobre finanças pessoais é restrito para os estudantes universitários, mesmo tratando de cursos na área de negócios, que possuem em suas estruturas curriculares disciplinas ligadas à gestão financeira e controle do patrimônio. De modo geral, verificou-se que não há diferenças significativas no grau de conhecimento e gestão das Finanças Pessoais, para os grupos: Estudantes com renda até R$1.000 e acima de R$1.000; formação anterior em instituição pública e instituição privada; experiência profissional; estudantes do sexo feminino e masculino e a relação entre os três cursos (Administração, Ciências Contábeis e Economia). Espera-se que a presente pesquisa possa contribuir para que gestores acadêmicos avaliem a possibilidade do oferecimento de disciplinas específicas relacionadas às finanças pessoais nos cursos universitários, possibilitando aos alunos discussões e conhecimentos adequados sobre a temática.

Palavras-chave: Educação Financeira; Finanças Pessoais; Gestão de Crédito; Gestão de Ativos; Universitários.

Área Temática: Educação e Pesquisa em Contabilidade (EPC).

1. INTRODUÇÃO

As finanças pessoais vêm adquirindo importância significativa com o passar dos anos. O crescimento econômico brasileiro, associado a facilidade de obtenção de crédito, tem levado as pessoas que possuem pouca educação financeira ao endividamento e suas decisões começam a afetar não só a vida familiar, mas, coletivamente, a economia nacional (Cerbasi, 2004). Problemas com a gestão financeira, que levam ao endividamento e a inadimplência, podem estar relacionados diretamente com a falta de educação financeira das famílias (Koster, 2004).

Segundo Sohsten (2004), a grande oferta creditícia tem elevado o nível de endividamento das pessoas. A Divisão Econômica da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo - Cnc (2013), realizou uma pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor, e constatou que houve crescimento de 7,5% em 2013 em média de famílias endividadas, e que cerca de 62,5% total das famílias do Brasil encontram-se nessa situação. A pesquisa ainda aponta que a maioria das famílias relata problemas com "cartão de crédito, cheque especial, cheque pré-datado, crédito consignado, crédito pessoal, carnês, financiamento de carro, financiamento de casa" (Cnc, 2013). Essas pessoas não possuem um planejamento financeiro ou não têm conhecimento adequado para lidar com dinheiro e acabam se tornando inadimplentes, já que não conseguem honrar seus compromissos.

Os jovens cada vez mais cedo estão tendo contato com os crediários e cartões de credito. De acordo com a Cnc (2013), aos 20 anos os jovens já possuem mais de 5 compras parceladas. Ao entrar em um curso superior, os jovens já são abordados por instituições financeiras, com ofertas atrativas de créditos, sendo incentivados a terem cartões de credito, descontos em anuidades, cheques especiais, etc. Há várias propostas para universitários no mercado financeiro, os bancos possuem postos de atendimentos nas instituições de ensino. O incentivo e as atratividades para que os jovens tornem-se usuários do mercado financeiro são grandes (Teixeira, 2010).

Neste contexto, os jovens estão aptos a manusearem de forma correta as operações de créditos disponíveis a eles? O Cnc (2013) aponta que os jovens estão se endividando cada vez mais cedo. Teixeira (2009) salienta que esse crescimento nas dividas dos jovens veio com os incentivos a inserção deles nesse mercado financeiro.

No ambiente universitário, espera-se que os graduados em cursos universitários possuam a formação técnica para finanças pessoais, porém algumas pesquisas internacionais apontam que alunos do ensino superior não sabem claramente como funciona a gestão de finanças (Danes & Hira, 1987; Volpe, Chen & Peavliko, 1996; Avard, Manton, English & Walker, 2005; Volpe, Chen & Liu, 2006; Robb & Sharpe, 2009; Mandell, 2008). Nacionalmente várias são as pesquisas já realizadas relacionadas ao conhecimento financeiro entre os universitários e suas práticas financeiras (Brito, Baptista, Silva, Braz & Henrique, 2012; Lizote & Verdinelli, 2014; Lizote, Simas & Lana, 2012; Potrich, Vieira & Ceretta, 2013; Medeiros & Lopes, 2014).

Neste cenário, a educação financeira se torna uma das bases apoiadoras no processo de tomada de decisão pelos jovens. Dessa forma, é possível perceber a importância que as finanças pessoais assumem, pois, tendo conhecimento e práticas saudáveis sobre sua operacionalização, é possível ter uma vida tranquila financeiramente, sem dívidas que consomem quase toda a receita obtida e, ainda, multiplicar o capital, futuramente. Diante desse contexto, o presente trabalho buscará responder o seguinte problema de pesquisa: Existe

relação entre o conhecimento sobre finanças pessoais e as características de estudantes universitários da área de negócios?

Para responder à questão proposta, estabeleceu-se que o objetivo geral do presente estudo é analisar as associações entre o conhecimento sobre finanças pessoais e as características dos estudantes universitários de cursos na área de negócios (Ciências Contábeis, Administração e Economia) de uma instituição de ensino superior pública situada em Minas Gerais.

A pesquisa utiliza-se do modelo proposto por Halpern (2003) que trata as finanças pessoais por três aspectos principais: educação financeira, gestão de crédito e gestão de ativos. A educação financeira é o modo pelo qual o indivíduo busca adquirir conhecimentos para auxiliá-los a planejar e gerir suas finanças, além de orientá-los para tomar boas decisões sobre poupar e investir (Halfeld, 2001; Lizote & Verdinelli, 2014). Quanto à gestão de crédito, na concepção de Securato (2002), os indivíduos devem estar bem informados antes de contratar um crédito, ou seja, é indispensável que seja feito o planejamento financeiro pessoal, para assim não comprometer o orçamento familiar com diversas dívidas e taxas de juros. Neste contexto, a gestão dos investimentos torna-se tarefa relevante, envolve a administração dos créditos de forma equilibrada. Tais investimentos incluem a aplicação em bens, como a aquisição de veículos, terrenos ou outros imóveis, que promovam ao investidor expectativas de resultados positivos sobre os recursos que foram dispendidos para tal (Assaf Neto, 2005).

Assim, espera-se com o estudo contribuir na apresentação de um diagnóstico sobre a alfabetização financeira dos universitários, que se supõe já possuírem algum conhecimento, mesmo que teórico, sobre educação financeira no curso de graduação na área de negócios que frequentam. Os resultados da pesquisa poderão contribuir para que gestores acadêmicos avaliem a possibilidade da oferta de disciplinas específicas relacionadas às finanças pessoais nos cursos universitários, possibilitando aos alunos discussões e conhecimentos adequados sobre a temática. Esses conhecimentos poderão auxiliar os estudantes no planejamento de uma vida financeira estável, contribuindo não só para o bem-estar familiar, mas, também, para a economia como um todo.

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Educação Financeira e Finanças Pessoais

A educação em geral é um processo de ensinar e aprender que envolve os indivíduos, melhorando e aprofundando seus conhecimentos sobre algum assunto que lhes é de interesse (Lizote & Verdinelli, 2014). Sobre educação financeira, Jacob, Hudson e Bush (2000) esclarecem que o termo "educação" envolve normas sociais, direitos, conhecimentos de práticas e atitudes que são fundamentais ao funcionamento e conhecimento das atividades financeiras; e o termo "financeira" implica em uma numerosa quantidade de atividades diárias ligadas ao dinheiro, as quais compreendem, desde o gerenciamento de um cartão de crédito até a tomada de um empréstimo, desde a preparação de um orçamento familiar até a aplicação em poupanças, dentre outros.

A Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico - Ocde (2005) conceitua a Educação Financeira como:

> [...] o processo pelo qual consumidores e investidores melhoram seu entendimento sobre os conceitos e os produtos financeiros e, através da informação, instrução e/ou conselhos objetivos, desenvolvam as habilidades e a confiança para conhecer melhor os riscos e as oportunidades financeiras, e assim tomarem decisões fundamentadas que contribuem para melhorar seu bem-estar financeiro (Ocde, 2005, p.13).

Lizote e Verdinelli (2014) ressaltam que a Educação Financeira é a forma que uma pessoa busca conhecimentos essenciais para lidar corretamente com suas finanças e, assim, tomar boas decisões. É também ser capaz de gerenciar corretamente suas receitas, usar de forma coerente seus recursos disponíveis, e pensar no que está acontecendo no presente e no que poderá ocorrer no futuro.

A importância da educação financeira, conforme Frankenberg (1999), pode ser percebida sob várias perspectivas. Dentre as principais, o autor indica o bem-estar pessoal e as consequências de sua falta, que podem levar até a inclusão do nome em sistemas de proteção ao crédito. O Instituto Akatu (2006) ressalta que a grande oferta de crédito à população gerou o aumento da inadimplência, e esse problema ocorre porque a maior parte das pessoas não possuem orientação e educação financeira.

Neste contexto, a educação financeira tem o intuito de formar pessoas para gerir informações financeiras. Para Hogarth (2006, p. 6) torna-se desejável que os alunos:

> (1) sejam educados e informados sobre os problemas de dinheiro e bens, serviços bancários, investimentos, crédito, seguros e impostos; (2) compreendam os conceitos básicos subjacentes à gestão do dinheiro e bens (por ex., o valor do dinheiro ao longo do tempo, os investimentos e a partilha de riscos no seguro); e (3) use o conhecimento e entendimento para planejar, implementar e avaliar as decisões financeiras.

Nesse contexto, verifica-se que as decisões financeiras, principalmente em épocas de várias influências globais e variações na economia, ganham importância no planejamento financeiro. Ross, Westerfiel e Jaffe (1995) entendem que o planejamento financeiro é um tópico importante nas operações das empresas e famílias, já que ele apresenta os caminhos para orientar, coordenar e monitorar as ações das empresas e das famílias para alcançar seus objetivos. Assim, é relevante a definição dos objetivos de investimentos, ou seja, um planejamento coerente de suas finanças e a decisão de como aplicar os recursos disponíveis (Alfest, 2004).

Importante destacar o conceito de planejamento financeiro, segundo Macedo Júnior (2007, p. 26): "é o processo de gerenciar seu dinheiro com o objetivo de atingir a satisfação pessoal". Na concepção de Frankenberg (1999), o planejamento financeiro auxiliará na formação do patrimônio da pessoa, baseando-se em uma estratégia certa e direcionada ao acúmulo de bens e valores, devendo abranger o curto, médio e longo prazo. Entretanto, o planejamento das finanças pessoais é primordial para obtenção de uma vida financeira saudável, indo muito além da tarefa de se estruturar um orçamento, pois "envolve uma reflexão sobre o passado, o presente e o futuro; requer que objetivos e sonhos sejam devidamente definidos; objetiva estabelecer metas com prazos e datas de execução" (Sohsten, 2004, p. IX). Para complementar, Eid Júnior e Garcia (2005) relatam que é por meio do planejamento que se conhece, em detalhes, os ganhos, além de aprender a poupar, gastar adequadamente e controlar as finanças para atingir os objetivos pretendidos.

Ainda, em relação ao planejamento financeiro, percebe-se que os indivíduos planejam suas finanças para atender às necessidades básicas e/ou desejos de consumo. Cherobin (2009) afirma que a gestão das finanças pessoais envolve estudo e prática de conceitos financeiros que poderão propiciar o gerenciamento do próprio dinheiro e tomar decisões sobre consumo e investimento. É relevante escolher os investimentos com maior rentabilidade, entender as taxas e o custo efetivo dos empréstimos, economizar e escolher um perfil de investimento que combine com o seu.

Descritas como uma área das Finanças, as Finanças Pessoais usam como base os conceitos financeiros empresariais nas decisões pessoais ou familiares. Finanças Pessoais são "a arte e a ciência de gerenciamento do dinheiro das pessoas" (Ferreira, 2006, p.17), compreendendo três processos de administração, que vão, desde o planejamento, organização dos hábitos de consumo e investimento, até o controle dos resultados de acordo com o que foi planejado anteriormente. Hayhoe, Leach e Turner (1999) apontam que a educação financeira deveria ser ensinada desde a infância, em todos os níveis de ensino, pois assim, o indivíduo desenvolveria, ao longo da vida, conhecimentos acerca do valor do dinheiro.

Estudos recentes confirmam a importância do conhecimento sobre finanças pessoais na formação do indivíduo. Mandell e Klein (2009), por exemplo apontam que cursos em administração do dinheiro ou finanças pessoais oferecidos no ensino médio americano geraram, a médio e longo prazo, uma economia mais saudável, pois aumentaram o nível de educação financeira em jovens adultos.

Entretanto, a universidade não possui participação eficiente no processo de educação financeira. Segundo Savoia (2007), não se verifica uma atuação constante das instituições de ensino superior nesse processo, possibilitando uma lacuna no ensino frente à necessidade do conhecimento sobre finanças pessoais pelos universitários. Para Saito (2008, p. 8) no Brasil "a Educação Financeira não foi agregada, de maneira oficial e explicita, nas grades curriculares, e nas Universidades não se constata uma ação efetiva e duradoura".

Portanto, faz-se necessário aprender a gerenciar e planejar as próprias finanças para que nenhum problema econômico ou financeiro afete de forma inesperada o indivíduo e sua família. As instituições de ensino superior do país podem fazer parte desse aprendizado e acrescentar sua parcela na formação de jovens mais preparados. Dessa forma, este artigo busca analisar as características apresentadas por alunos de cursos da área de negócios em relação às suas finanças pessoais.

2.2 Estudos Correlatos

Foram identificados na literatura diversos artigos já publicados relacionados à temática deste trabalho, ou seja, finanças pessoais envolvendo estudantes universitários (Lizote & Verdinelli, 2014; Lizote et al., 2012; Brito et al. 2012; Medeiros & Lopes, 2014; Vieira; Bataglia; Sereia, 2011; Potrich et al., 2013). As pesquisas analisadas indicaram a possibilidade de relações entre o conhecimento adquirido durante a graduação e a vida financeira dos alunos pesquisados.

Medeiros e Lopes (2014) analisou o comportamento de 178 estudantes do Curso de Ciências Contábeis de uma IES de Santa Maria (RS) em relação a finanças pessoais. Os resultados indicaram que a maioria dos alunos pesquisados demonstram ter consciência dos rendimentos e ganhos, bem como saber lidar com suas finanças pessoais, pois gastam menos do que ganham e costumam planejar, mesmo não tendo uma planilha de controle de gastos e geralmente, costumam pagar as suas compras à vista, utilizando o dinheiro como forma de pagamento.

Já no trabalho de Vieira et al (2011), investigou alunos de graduação dos Cursos de Administração, Ciências Econômicas e Ciências Contábeis de uma universidade pública do norte do Paraná. Verificou-se a contribuição da formação acadêmica para a melhor tomada de decisões de consumo, investimento e poupança. Nesse contexto, os autores perceberam que "os alunos aumentam seus conhecimentos à medida que avançam nos seus estudos. Assim os que estão matriculados nos últimos períodos se diferenciam daqueles que estão nos iniciais"

(Lizote & Verdinelli, 2014, p.13). Os autores complementam que existem outras fontes de conhecimento que são também relevantes, como a experiência prática e a família.

Verificou-se que os estudos aplicados aos estudantes ligados às áreas de negócios evidenciaram que o nível mais avançado sobre a educação financeira influencia no melhor planejamento financeiro dos universitários (Brito et al., 2012; Lizote & Verdinelli, 2014). Brito et al. (2012) investigou estudantes das áreas de Educação (Pedagogia) e Gerencial (Administração e Contabilidade), os resultados indicaram um maior nível de Educação Financeira em alunos ligados às áreas gerencias. Os autores ressaltam a relevância da disseminação ampla sobre a temática, visando a inserção das pessoas de modo consciente e atuante no plano financeiro.

Neste contexto, Potrich, Vieira e Paraboni (2013) apontam que algumas variáveis econômicas influenciam a educação financeira, como: o nível de conhecimento entre faixa etárias (jovens, adultos e idosos); o nível de escolaridade; o estado civil, disparidade de etnia, raça e renda. Potrich et al. (2013, p. 5) relatam que "a alfabetização financeira tende a ser maior entre os adultos no meio de seu ciclo de vida, e geralmente é menor entre os jovens e os idosos". Ainda apontam que pessoas que possuem maior nível de escolaridade, apresentam maior conhecimento em relação a educação financeira.

Analisando estudantes do curso de Ciências Contábeis, Lizote e Verdinelli (2014) objetivaram avaliar as associações entre o conhecimento sobre finanças pessoais e as características dos estudantes matriculados em uma IES localizada em Santa Catarina. Os resultados indicaram que os maiores conhecimentos sobre educação financeira associam-se aos alunos que trabalham se comparados com os que só estudam, e, ainda, a renda pessoal influencia no melhor gerenciamento dos empréstimos e financiamentos, os que possuem maiores rendimentos afrontam de maneira mais adequada suas dívidas e a gestão de ativos. Medeiros e Lopes (2014) também pesquisaram estudantes do curso de Ciências Contábeis de uma Instituição de Ensino Superior privada de Santa Maria – RS, salientam que as relações sobre decisões financeiras devem ser analisadas e testadas com alunos de áreas afins para que possam ser feitas comparações entre tais cursos. Tais apontamentos motivaram a realização do presente estudo que analisou estudantes vinculados aos cursos de Ciências Contábeis, de Administração e Economia, que fazem parte dos cursos na área de negócios.

3. METODOLOGIA

3.1 Classificação da Pesquisa

No que se diz respeito ao tipo de pesquisa, realizou-se um estudo descritivo com o propósito de identificar e comparar, entre os alunos de cursos na área de negócios, a relação do conhecimento sobre finanças pessoais e as características desses universitários. Em relação ao método de abordagem, este trabalho se classifica como um estudo quantitativo, pois utiliza dados numéricos coletados em uma *survey* e tratamento estatístico para a análise dos resultados (Chizzotti, 2008).

Quanto aos procedimentos técnicos, utilizou-se o levantamento (*survey)* que, segundo Gil (1999), caracteriza-se pela interrogação direta das pessoas das quais se deseja estudar o comportamento. Para a obtenção dos dados, aplicou-se um questionário que, segundo Colauto e Beuren (2004), deve ser limitado, claro e estar acompanhado "de notas que expliquem a

natureza da pesquisa e ressaltem a importância e necessidade das respostas, a fim de motivar o informante" (Colauto & Beuren, 2004, p.131).

3.2 Amostra, Coleta de dados e Instrumento de pesquisa

O universo da pesquisa são os estudantes de cursos na área de negócios (Ciências Contábeis, Administração e Economia) de uma Instituição de Ensino Superior Pública localizada em Minas Gerais. A amostra corresponde a 227 participantes que se prontificaram a responder a pesquisa.

O questionário de autopreenchimento foi aplicado *in loco* aos estudantes dos períodos finais dos cursos, quais sejam: o quinto, sexto e sétimo período. O instrumento adotado para a coleta de dados foi adaptado do modelo de Halpern (2003) apresentado no trabalho de pesquisa de Lizote e Verdinelli (2014).

Martins e Theóphilo (2007) explicam que o questionário deve passar pela aplicação de pré-testes, visando evidenciar possíveis ambiguidades, inconsistências, falhas, de modo a aprimorar as questões para um maior nível de confiabilidade e validade. Com essa finalidade, realizou-se um pré-teste do instrumento com um grupo de 10 alunos dos cursos de graduação na área de negócios e docentes dos cursos, buscando eliminar possíveis problemas. Foram indicados ajustes para a compreensibilidade do instrumento.

O instrumento de pesquisa foi organizado em dois blocos. O primeiro refere-se à caracterização dos respondentes, compreendendo o perfil individual e o perfil familiar. No segundo bloco, foram apresentadas 22 assertivas a serem respondidas com a atribuição de uma nota de 0 a 10, indicando a concordância ou não. As assertivas foram extraídas do modelo de Halpern (2003). Já o quarto bloco apresentou a frequência com que os respondentes se sentiram estressados com os eventos financeiros ocorridos, sendo esse formado por 12 asserções. Esse bloco do questionário complementa-se com uma nota de autoavaliação que o participante apresenta quanto a seus conhecimentos sobre finanças pessoais. O instrumento proposto por Halpern (2003) foi testado nas pesquisas de Lana et al. (2011), Lizote et al. (2012) e Lizote e Verdinelli (2014).

Na análise dos dados, em sua primeira fase, aplicou-se a estatística descritiva para caracterização dos respondentes e para avaliar o grau de concordância dos alunos em relação às asserções sobre educação financeira, gestão de crédito, gestão de ativos, stress com eventos financeiros e o conhecimento/ gestão das finanças pessoais.

Na segunda fase da análise, utilizou-se o teste estatístico não paramétrico de Mann-Whitney. Esse método foi escolhido devido ao fato de a distribuição dos dados coletados não atenderem aos pressupostos de normalidade, além de ser considerado um método "aplicado para testar se duas amostras independentes foram extraídas de populações com medias iguais" (Fávero, Belfiore, Silva, & Chan, 2009).

Importante destacar as limitações deste estudo. A primeira delas refere-se à delimitação da amostra, que envolveu os alunos dos cursos nas áreas de negócios de somente uma Instituição de ensino, portanto, os resultados não poderão ser generalizados. Outra limitação reside na opção por analisar os alunos que já estão em períodos avançados dos cursos em questão, por entender que esses têm um maior conhecimento em relação aos conteúdos que envolvem a temática, e já concluíram um percentual maior da carga horária do curso. Todavia, tais limites são características dessa proposta de trabalho, sendo possível que novas pesquisas sejam realizadas com o intuito de evidenciar novos resultados.

4. ANÁLISE EDESCRIÇÃO DOS RESULTADOS

4.1 Caracterização dos Respondentes

Em sua primeira parte, o questionário aplicado aos estudantes teve como objetivo caracterizar o perfil dos respondentes. A Tabela 1, a seguir, apresenta os resultados encontrados.

Tabela 1 - Caracterização do Respondente

Idade		**Instituição de Ensino Anterior**	
Até 19 anos	5,30%	Pública	60,40%
De 20 a 29 anos	86,80%	Particular	31,70%
De 30 a 39 anos	6,60%	Ambos	4,00%
De 40 a 55 anos	1,30%	Não respondeu	3,90%
Acima de 55 anos	0,00%	**Curso**	
Renda Pessoal		Administração	37,00%
Até R$ 1.000,00	27,80%	Ciências Contábeis	41,00%
De R$ 1.001,00 a R$ 3.500,00	49,80%	Economia	22,00%
Acima R$ 3.500,00	3,50%	**Período Matriculado**	
Não tem renda pessoal	13,70%	5º	37,00%
Não respondeu	5,20%	6º	34,40%
Trabalha		7º	28,60%
Sim	71,40%	**Reside**	
Não	28,60%	Sozinho	15,90%
Sexo		Com familiares	64,30%
Feminino	45,40%	Com amigos/parentes	13,20%
Masculino	53,70%	Com cônjuge	5,30%
Não respondeu	0,90%	Outro	1,30%

Fonte: Dados da pesquisa

Constatou-se que, dos 227 participantes da pesquisa, a maioria (53,70%) é do sexo masculino. Quanto à faixa etária, predominaram os respondentes (86,80%) com idade entre 20 e 29 anos, apontando um perfil mais jovem de estudantes participantes do estudo.

A maioria (71,40%) dos respondentes trabalha, e, quase a metade, representada por 49,80%, possui renda pessoal entre R$1.001,00 a R$3.500,00. O curso de Ciências Contábeis possuiu o maior número de entrevistados (41%), seguindo do curso de Administração, com 37% dos respondentes. O período com maior número de matriculados foi o 5º, com 37%, e com percentual bem próximo (34,40%), esteve o 6º período.

Com relação à formação anterior, 60,40% dos entrevistados cursaram o ensino médio exclusivamente em escolas públicas; 31,70%, em escolas privadas; 4% tiveram formação em ambas instituições; e 3,90% não responderam esse item. Por fim, os alunos que ainda moram com familiares são maioria, chegando a 64,30%. Tais resultados se alinham com as pesquisas realizadas por Lizote e Verdinelli (2014); Lizote et al. (2012) e Vieira et al. (2011), nas quais

os respondentes, em sua maioria, cursaram o ensino médio em escola pública e residem com os pais.

4.2 Análise Descritiva dos Dados

Para a segunda etapa do questionário, conforme já mencionado, foram apresentadas 22 asserções sobre as dimensões de educação financeira, gestão de crédito e gestão de ativos; 12 assertivas em relação ao stress com eventos financeiros; e 1 questão sobre o conhecimento/ gestão das finanças pessoais. Solicitou-se aos respondentes que indicassem uma nota de zero a dez, indicando a sua concordância em relação a cada uma das asserções.

Nas Tabelas seguintes, 2, 3, 4, 5 e 6, apresentam-se as médias das notas de cada questão, separadas pelas dimensões apresentadas e pelo curso no qual os respondentes estão matriculados.

Tabela 2 - Educação Financeira dos Participantes

Educação Financeira	Média Geral	Administração	Ciências Contábeis	Economia
Tenho anotado o controle de minhas finanças.	6,7321	6,5663	7,0000	6,5102
Costumo fazer compras à vista.	7,4912	7,3929	7,2609	8,0800
Cuido para nunca gastar mais do que ganho.	7,8622	8,0241	7,3548	8,5510
Tenho uma reserva para eventuais problemas.	6,2813	6,3133	5,6413	7,4286
Tenho conhecimento sobre finanças pessoais.	7,5067	7,6463	6,9247	8,3600
Costumo ler sobre assuntos relacionados ao tema.	5,7679	5,7857	5,5333	6,1600
Faço me planejamento pessoal para longo prazo.	6,2115	6,5119	5,7527	6,5600
Converso sobre finanças com minha família e amigos.	6,1022	6,4286	5,5870	6,5102
Média Geral	**6,7444**	**6,8336**	**6,3818**	**7,2700**

Fonte: Dados da Pesquisa

Observou-se que a média geral obtida pelas oito questões para a Educação Financeira é de 6,7444, e que os discentes do curso de Economia apresentaram uma média (7,27) de nota maior em relação aos discentes dos demais cursos analisados. A assertiva 3, que trata sobre "não gastar mais do que se recebe", foi a que obteve maior média, considerando a concordância dos alunos dos três cursos investigados.

Os resultados se alinham à pesquisa de Medeiros e Lopes (2014), a qual denota "que a maioria dos alunos pesquisados demonstrou ter consciência dos seus rendimentos bem como saber lidar com suas finanças pessoais'', pois esses gastam menos do que ganham.

É relevante ressaltar que o "costume de se fazer a leitura sobre assuntos relacionados ao tema" recebeu a menor média (5,7679), sendo os discentes do curso de Ciências Contábeis os que inferiram a menor média (5,5333) para a assertiva, ou seja, respondentes desse curso possuem menor interesse em assuntos ligados à educação financeira.

Na Tabela 3, apresentam-se os resultados relacionados à Gestão de Crédito.

Tabela 3: Gestão de Crédito dos Estudantes

Gestão de Crédito	Média Geral	Administração	Ciências Contábeis	Economia
Tenho financiamentos/empréstimos a pagar em 12 meses.	3,3211	3,4405	4,0778	1,5455
Já tive meu nome incluído no Serviço de Proteção ao Crédito.	2,5577	2,2564	3,3678	1,4651
Consigo controlar minhas dívidas, conforme minha renda.	8,1250	8,2262	7,8387	8,5106
Já comprometi meu 13º salário (caso tenha esse benefício) deste ano em pagamento de dívidas.	1,6809	1,9041	1,6744	1,1379
Utilizo opções de crédito como Cartão de Crédito/Talão de Cheques.	6,1935	5,9512	6,4556	6,1111
Não utilizo o pagamento da parcela mínima do cartão de crédito.	7,4375	7,0000	7,9390	7,3111
Possuo empréstimos e/ou financiamentos.	3,4146	3,3291	4,2614	1,6316
Quando me endivido, renegocio minhas dividas o mais cedo possível.	7,2419	7,1286	7,7284	6,3429
Média Geral	**4,9965**	**4,9045**	**5,4179**	**4,2570**

Fonte: Dados da Pesquisa

Verificou-se que a média geral desse construto foi menor que cinco, indicando que os participantes, em sua maioria, não são tomadores de crédito, financiamentos ou empréstimos, bem como cuidam para não terem seus nomes incluídos em serviços de proteção ao crédito.

Quanto à concordância em relação à gestão de créditos, os resultados indicam que a maior parte dos alunos concordam que conseguem fazer o controle das dívidas, conforme a renda recebida, pois a média para esse item foi 8,1250. Entre os três cursos pesquisados, esse controle recebeu também a maior média, sendo: 8,2262 para os entrevistados do curso de Administração; 7,8387 para Ciências Contábeis; e os discentes de Economia são aqueles que conseguem controlar melhor suas dívidas, com nota média de 8,5106.

Já o 13º recebido pelos que trabalham não está comprometido com as dívidas a serem pagas (1,6809), assim como a inclusão do nome no Serviço de Proteção ao Crédito é pouco comum entre os respondentes (2,5577). Isso nos permite inferir que os universitários dos cursos na área de negócios conseguem lidar bem com a gestão de seus créditos, pois sabem controlar seus gastos para que não ultrapassem suas receitas, além de saber honrar seus compromissos**.**

Os resultados obtidos evidenciam que os estudantes não utilizam o pagamento da parcela mínima do cartão de crédito, já as notas apontadas pelos estudantes dos três cursos pesquisados são iguais ou maior que 7,000. Tais resultados convergem com o estudo realizado por Vieira et al (2011), no qual identificou-se que 76,6% dos respondentes evitam entrar no crédito rotativo, tendo como atitude procurar pagar sempre o saldo devedor total.

São apresentados, na Tabela 4, os resultados quanto à Gestão dos Ativos.

Tabela 4: Gestão de Ativos dos Estudantes

Gestão de Ativos	Média Geral	Administração	Ciências Contábeis	Economia
Possuo um capital investido em previdência privada.	2,4247	2,6164	2,3500	2,1818
Possuo um capital investido em fundos de investimentos.	2,6257	2,2778	2,7342	3,0833
Tenho conhecimento sobre investimentos e previdências privadas.	5,8421	5,2208	5,8202	7,0000
Possuo capital disponível para investir.	4,0583	4,6076	3,5294	4,0952
Costumo ler e me informar sobre investimentos financeiros.	5,4085	5,3671	4,6818	6,8696
Já adquiri bens resultantes de algum investimento financeiro.	3,8492	3,7662	4,1529	3,3243
Média Geral	**4,0348**	**3,9760**	**3,8781**	**4,4257**

Fonte: Dados da Pesquisa

Verifica-se que a média de nota atribuída ao 'conhecimento' sobre investimentos e previdências privadas foi a maior (5,8421), porém os alunos não investem seu capital em previdência privada e nem em fundos de investimentos, já que a média recebida por esses dois itens foram de 2,4247 e 2,6257, respectivamente. Podemos entender tal fato quando analisamos a nota média (4,0583) recebida pelo quarto item da tabela, em que se percebe a indisponibilidade de capital para se fazer tais investimentos.

Os três cursos analisados receberam uma média geral baixa, em se tratando da Gestão dos Ativos, sendo os alunos de Ciências Contábeis os que indicaram a menor média (3,8781), considerando os itens questionados, seguidos pelos estudantes de Administração (3,9760).

Tais resultados contribuíram para que a Gestão de Ativos (4,0348) obtivesse a menor média geral entre as dimensões já analisadas, ou seja, para a Educação Financeira (6,7444) e Gestão de Crédito (4,9965). Tais resultados são convergentes com aqueles encontrados por Lizote e Verdinelli (2014), que investigaram as mesmas dimensões utilizadas neste estudo, ou seja, identificaram a maior média para Educação Financeira, seguida pela Gestão de Crédito e a Gestão de Ativos. Segundo os autores, "isto indica que os alunos têm maior dificuldade com a gestão financeira, seja em relação ao endividamento ou ao uso do dinheiro" (Lizote & Verdinelli, 2014, p.9).

Os resultados sobre o stress sentido com os eventos financeiros são apresentados a seguir, na Tabela 5.

Tabela 5: Stress com Eventos Financeiros

Stress com Eventos Financeiros	Média Geral	Administração	Ciências Contábeis	Economia
Pagamentos em atraso.	6,3607	6,0000	6,8444	6,0625
Não ter dinheiro para emergências (em conta poupança ou outros investimentos).	6,5520	6,2683	6,9663	6,2800
Viver na expectativa do recebimento do salário.	5,7500	5,7901	5,9556	5,2667
Não ter emprego fixo ou recebimentos previsíveis.	4,9306	4,8875	4,7841	5,2708
O dinheiro que ganha éinsuficiente para cobrir as despesas.	4,6588	4,5823	4,5682	4,9773
Saber que ganha menos do que a maioria de seus pares (colegas, amigos, etc).	3,9198	4,0125	4,2000	3,1429
Preocupação com o valor das dívidas.	5,3427	5,0633	5,8556	4,7955
Valor das dívidas.	5,3099	5,1013	5,8333	4,6136
Empréstimos com altas taxas de juros.	4,3462	4,0759	4,7159	4,0732
Despesas com festas e ocasiões especiais.	4,7650	4,9877	4,6966	4,5106
Precisar pedir dinheiro emprestado de familiares e amigos.	5,1481	5,1519	5,0341	5,3469
Pagamento de impostos.	4,8538	5,0375	4,9551	4,3023
Média Geral	**5,1615**	**5,0799**	**5,3674**	**4,8869**

Fonte: Dados da Pesquisa

Nota-se que a falta de dinheiro em conta poupança ou outros investimentos para sanar as eventuais emergências é o maior causador de stress (6,5520) entre os entrevistados, em detrimento ao fato de saber que ganham menos do que a maioria dos colegas, amigos, etc (3,9198). Com uma nota média de 3,1429, os alunos de Economia são aqueles que menos se sentem estressados em receber menos que seus pares, e também não consideram as altas taxas de juros para os empréstimos um fato causador de grande stress (4,0732).

É possível observar também que os discentes de Ciências Contábeis apresentaram maior nível de stress em sete dos doze itens apresentados. Tais notas atribuídas contribuíram para que o curso de Ciências Contábeis obtivesse a maior média geral (5,3674) apresentada, em comparação aos outros cursos pesquisados.

Verificou-se, no geral, que os alunos não se sentem tão estressados em relação aos fatos financeiros, já que a média geral para esse constructo foi de 5,1615. Tal fato pode ser relacionado ao pouco conhecimento sobre finanças apresentado na Tabela 6, possivelmente porque, por não terem um conhecimento desejável sobre o assunto, os mesmos tendem a não se preocuparem tanto com os eventos financeiros citados. O trabalho de Lizote e Verdinelli (2014) apontou uma média maior sobre o conhecimento sobre finanças (7,21) para os 195 participantes da pesquisa.

Na sequência, a Tabela 6 registra a nota indicada para o conhecimento e gestão das finanças pessoais.

Tabela 6: Valor da média para o construto Conhecimento/Gestão das Finanças Pessoais

Conhecimento/Gestão das Finanças Pessoais	Média Geral	Administração	Ciências Contábeis	Economia
Qual nota você atribui para seu conhecimento em finanças pessoais?	6,8670	6,8462	6,7473	7,1224

Fonte: Dados da Pesquisa

Os resultados demonstraram que a nota média apresentada pelos três cursos para o conhecimento e gestão das finanças pessoais foi relativamente baixa (6,8670), tendo os alunos de Economia obtido a média de 7,1224, seguidos pelos estudantes de Administração (6,846), e, logo após, com 6,7473, estão dos discentes do curso de Ciências Contábeis. A pesquisa de Lizote et al. (2012) apresentou resultado parecido no que diz respeito à autoavaliação feita pelos alunos do curso de Ciências Contábeis, sendo 7,20 a nota média que atribuíram para as finanças pessoais.

4.3 Resultado do Teste Não-Paramétrico

Conforme abordado na metodologia, aplicou-se o teste estatístico não-paramétrico (Mann-Whitney) de diferença de médias para a análise dos resultados. Os testes consideraram um nível de significância de 5% e foram conduzidos com base nas seguintes hipóteses:

H_0: a percepção dos estudantes quanto aos itens propostos sobre educação financeira não possui diferença estatisticamente significativa entre os grupos analisados;

H_1: existe diferença estatisticamente significativa, na percepção dos estudantes, em relação aos itens propostos sobre a educação financeira, para os diferentes grupos analisados.

Para testar as hipóteses, foram considerados sete grupos de análises, conforme elencados no Quadro 1.

Quadro 1- Grupos de Análise para o Teste de Mann-Whitney

Grupo	Especificação
1	Estudantes com renda até R$1.000 e acima de R$1.000
2	Estudantes com formação anterior em Instituição Pública e Instituição Privada
3	Estudantes que estão trabalhando e não estão trabalhando atualmente
4	Estudantes do sexo feminino e do sexo masculino
5	Estudantes do curso de Administração e de Ciências Contábeis
6	Estudantes do curso de Administração e de Economia
7	Estudantes do curso de Ciências Contábeis e de Economia

Fonte: Dados da Pesquisa

A Tabela 7 apresenta os resultados para o teste de Mann-Whitney, considerando os sete grupos anteriormente citados.

Tabela 7- Resultados para o Teste de Mann-Whitney

Constructos / Grupos	Média Geral	1	2	3	4	5	6	7
Educação Financeira	6,7443	0,845	**0,025**	0,586	0,491	0,334	0,372	**0,005**
Gestão de Crédito	4,9965	0,256	**0,003**	0,102	0,933	0,401	0,558	0,244
Gestão de Ativo	4,0348	0,214	0,062	0,065	0,194	0,601	0,129	0,097
Stress com Eventos Financeiros	5,1615	0,756	0,082	0,966	0,951	0,925	0,858	0,642

Fonte: Dados da Pesquisa

Analisando-se separadamente cada um dos constructos abordados na pesquisa e o nível de significância apresentado por cada um dos sete grupos, percebeu-se que a Educação Financeira não revelou diferença estatisticamente significativa para a maioria dos grupos de análise, sendo aceita, portanto, a hipótese nula (H0). Porém, vale ressaltar que o Grupo 2 (Estudantes com formação anterior em Instituição pública e Instituição Privada) e o Grupo 7 (Estudantes do curso de Ciências Contábeis e Economia) apresentaram diferença estatisticamente significativa, aceitando-se a hipótese alternativa (H1). Em relação a esse fato, infere-se que tais resultados demonstram haver uma diferença na percepção de educação financeira entre os alunos que tiveram uma formação anterior em escola pública e privada, além dos estudantes de Ciências Contábeis também perceberem essa educação financeira de forma divergente com os alunos da Economia.

Esses resultados divergem daqueles apresentados por Lizote e Verdinelli (2014), pois, esses autores, em sua pesquisa, "na dimensão Educação Financeira, apenas o fato do aluno trabalhar mostrou diferenças no contraste" (Lizote & Verdinelli, 2014, p.10).

Para o constructo de Gestão de Crédito, a diferença foi significativa, em nível de 5%, também no Grupo 2 (Estudantes com formação anterior em Instituição pública e Instituição Privada), o que sugere uma baixa similaridade no controle de crédito exercido por alunos com formação anterior em instituições de nível público e privado. Assim, considerando apenas o Grupo 2, para as questões relacionadas à Gestão de Crédito, rejeitou-se a hipótese alternativa (H1). Já para o restante dos grupos, admitiu-se a aceitação da hipótese nula (H0), pois não houve diferença apresentada.

Observa-se que, para o constructo Gestão de Ativos, a hipótese nula (H0) foi aceita em todos os sete grupos de análise, demonstrando que em todos eles os discentes apresentam opiniões similares quanto ao controle e conhecimento de seus ativos.

Em relação ao controle dos gastos, os resultados distinguem do estudo de Medeiros e Lopes (2014), indicando para esse aspecto que o gênero feminino tem um cuidado menor em se tratando dos gastos pessoais, "já que 45% dos alunos têm como costume sempre adotar um planejamento; em contrapartida, somente 40,4% das alunas sempre o fazem" (Medeiros & Lopes, 2014, p. 243).

Na última parte analisada, tratou-se do estresse percebido em relação aos eventos financeiros, tendo verificado que as diferenças não foram significativas, indicando que o nível de stress sentido pelos estudantes não depende da renda, da formação anterior, nem de estar trabalhando. O gênero dos respondentes também não mostra diferença e nem mesmo o curso escolhido por cada um interfere na percepção do stress. Assim, admite-se a aceitação da hipótese nula (H0), pois não houve diferenças significativas demonstradas nos resultados do teste aplicado.

Portanto, conclui-se, por meio da aplicação do teste não-paramétrico Mann-Whitney de diferença de médias, que não houve diferenças estatisticamente significativas para as dimensões anteriormente citadas, entre os grupos de análise. Os resultados indicam a maior aceitação da hipótese nula H0, em que não há diferença entre as notas atribuídas ao conhecimento e gestão das Finanças Pessoais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou analisar as associações entre o conhecimento sobre finanças pessoais e as características dos estudantes universitários de curso na área de negócios (Ciências Contábeis, Administração e Economia) de uma instituição de ensino superior

pública localizada em Minas Gerais. Para tanto, foi aplicado *in loco* aos estudantes dos períodos finais dos cursos um questionário adaptado do modelo proposto por Halpern (2003).

Com a realização desta pesquisa, foi possível verificar que a maior parte dos estudantes são do sexo masculino, com idade entre 20 e 29 anos, a maioria (71,40%) trabalha, e quase a metade, representada por 49,80%, possui renda pessoal entre R$1.001,00 a R$3.500,00. Com relação à formação anterior, a maior parte dos entrevistados cursaram o ensino médio exclusivamente em escolas públicas e, por fim, os alunos que ainda moram com familiares são maioria.

Na análise descritiva dos dados, constatou-se que a dimensão Educação Financeira recebeu a maior nota média geral atribuída pelos participantes, se comparado à gestão de crédito e de ativo. Verificou-se que as médias das notas atribuídas pelos estudantes não foram altas o quanto se esperava, já que os alunos dos cursos na área de negócios possuem um perfil profissiográfico que os vincula concretamente com o uso adequado dos recursos econômicos e financeiros. Observou-se a nota atribuída na autoavaliação feita pelos discentes quanto ao conhecimento sobre finanças pessoais, obteve uma média de 6,86, não sendo alta. Dessa forma, entende-se que o estudante que não possui conhecimento sobre finanças poderá afetar seu planejamento e a gestão financeira adequada.

Para o constructo pesquisado 'Gestão de Crédito', os universitários dos cursos na área de negócios indicaram lidar bem com a gestão de seus créditos, pois sabem controlar seus gastos para que não ultrapassem suas receitas e buscam honrar seus compromissos. A Gestão de Ativos obteve a menor média geral (4,0348) entre as dimensões analisadas, demonstrando que os estudantes têm maior dificuldade em relação ao investimento de seus ativos. Foi possível perceber, também, que os alunos não se sentem tão estressados em relação aos fatos financeiros, já que a média geral para esse constructo foi de 5,1615.

Quanto ao teste Mann-Whitney, conforme apresentado na discussão dos resultados, foi utilizado para testar as quatro dimensões pesquisadas (educação financeira; gestão de crédito; gestão de ativo e Stress com eventos financeiros), em relação aos grupos selecionados. Após as análises, verificou-se que, de modo geral, não há diferenças significativas no grau de conhecimento e gestão das Finanças Pessoais. Os resultados indicam a maior aceitação da hipótese nula (H0), em que não há diferença entre as notas médias atribuídas e, portanto, rejeitam a hipótese alternativa (H1). Assim, para os sete diferentes grupos, constatou-se que as diferenças não foram estatisticamente significativas, já que apenas dois deles apresentaram significância menor que 5%.

Esses resultados se alinham à pesquisa realizada por Lizote et al (2012), que observaram não haver dentro da amostra pesquisada uma distinção entre a percepção individual sobre finanças pessoais com as características pessoais e familiares.

Para as dimensões Educação Financeira e Gestão de Crédito, as características que se mostraram influentes são a instituição de formação anterior e o curso do aluno, somente para a primeira dimensão. De maneira geral, os alunos que estudaram em escola pública se diferenciam daqueles que tiveram uma formação no ensino privado, em se tratando do conhecimento de finanças e o tratamento adequado de suas dívidas. Já os discentes do curso de Ciências Contábeis se diferenciam apenas dos estudantes do curso de Economia na percepção de seus conhecimentos financeiros. Esse resultado se diferencia daquele encontrado por Lizote e Verdinelli (2014), pois, segundo esses autores, aqueles que trabalhavam e possuíam renda pessoal maior mostraram ter um nível de conhecimento maior, ter maiores empréstimos e financiamentos, e, ainda, mostraram lidar com suas dívidas de modo adequado.

Percebe-se que o conhecimento sobre finanças pessoais é restrito para os estudantes universitários, mesmo tratando de cursos na área de negócios, que possuem em suas estruturas

curriculares disciplinas ligadas à gestão financeira e do patrimônio. Resultados convergentes com pesquisa internacionais (Danes & Hira, 1987; Volpe et al., 1996; Volpe et al, 2006; Robb & Sharpe, 2009; Mandell, 2008). Espera-se que a pesquisa contribua para reflexões sobre uma maior inserção da temática na qualificação destes jovens estudantes e futuros profissionais.

Para futuros estudos, recomenda-se ampliar a amostra da presente pesquisa para outros cursos que não estão voltados a área de negócio, a fim de que se faça uma comparação com os resultados, bem como estender para outras instituições de ensino. Também cabe sugerir que os alunos do ensino médio de escolas públicas e privadas sejam contemplados, pois, dessa forma, será possível inferir se o conhecimento sobre o assunto é assimilado, em sua maior parte, nessa fase.

REFERÊNCIAS

Akatu. (2015). Educação Financeira: quanto antes, melhor. Recuperado em 11 janeiro, 2015, de <http://www.akatu.org.br/Temas/Dinheiro-e-Credito/Posts/Educacao-financeira-quanto-antes-melhor>.

Alfest, L. (2004). Personal Financial Planning: origins, development and a plan for future direction. American Economist**,** 48 (2), pp. 53-60.

Assaf Neto, A. (2005). Mercado financeiro. (6. ed.) São Paulo: Atlas.

Avard, S., Manton, E., English, D., & Walker, J. (2005). The Financial Knowledge of College Freshmen. College Student Journal, 39 (2), pp. 321-338.

Brito, L. S., Baptista, J. A., Silva, S. R., Braz, S., & Henrique, M. R. (2012). A importância da educação Financeira nos Contextos Acadêmico e Profissional: um Levantamento de Dados com Alunos Universitários. Anais Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 9.

Cerbasi, G. P. (2004). Casais Inteligentes Enriquecem Juntos: Finanças para Casais. São Paulo: Editora Gente.

Cherobim, A, P. M. S., & Espejo, M. M.S. B. (2009). Finanças Pessoais: Conhecer para enriquecer. São Paulo: Atlas.

Chizzotti, A. (2008). Pesquisa em ciências humanas e sociais. (9. Ed). São Paulo: Cortez.

Colauto, R. D., & Beuren, I. M. (2004). Coleta, análise e interpretação dos dados. In: BEUREN, I. M. (Org). Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática. (2. Ed). São Paulo: Atlas.

Danes, S. M., & Hira, T. K. (1987). Money management knowledge of college students. Journal of Student Financial, 17 (1), pp. 4-16.

Divisão Econômica da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turism. CNC. (2013). O Perfil do Endividamento das famílias brasileiras em 2013. Recuperado em 09 janeiro, 2014, em

http://www.cnc.org.br/sites/default/files/arquivos/o_perfil_do_endividamento_das_familias_brasileiras_em_2013.pdf .

Eid Júnior, W., & Garcia, F. G. (2005). Finanças pessoais: como fazer o orçamento familiar. São Paulo: Publifolha.

Fávero, L.P. Belfiore, P. P., Silva, F. L., & Chan, B. L. (2009). Análise de dados: modelagem multivariada para tomada de decisões. Rio de Janeiro: Elsevier.

Ferreira, R. (2006). Como Planejar, Organizar e Controlar seu Dinheiro. São Paulo: Thomson IOB.

Ferreira, R. A., & Fernandes, M A. (2011). Propensão ao endividamento entre os alunos do curso de graduação em Ciências Contábeis. Sistema Anhanguera de Revista Eletrônica, Campinas, 14 (24), pp. 185-195.

Frankenberg, L. (1999). Seu futuro financeiro. (8 ed). Rio de Janeiro: Campus.

Gil, A. C. (1999). Métodos e técnicas de pesquisa social. (5. Ed). São Paulo: Atlas.

Halfed, M. (2006). Investimentos: como administrar melhor seu dinheiro. São Paulo: Fundamento Educacional.

Halpern, M. (2003). Gestão de Investimentos. São Paulo: Saint Paul Institute of Finance.

Haubert, F. L. C., Lima, M. V. A., & Herling, L. H. D. (2012). Finanças Comportamentais: Um Estudo Com Base Na Teoria Do Prospecto E No Perfil Do Investidor De Estudantes De Cursos Stricto Sensu Da Grande Florianópolis. Revista Eletrônica Estratégia & Negócios, Florianópolis, 5 (2), pp. 171-199.

Haubert, F. L. C., Lima, C. R. M., & Lima, M. V. A. (2014). Finanças Comportamentais: Uma Investigação Com Base Na Teoria Do Prospecto E No Perfil Do Investidor De Estudantes De Cursos Stricto Sensu Portugueses. Revista de Ciências da Administração, Santa Catarina, 16 (38), pp. 183-195.

Hogarth, J. M. (2006). Federal Reserve Board, U.S.A. Improving Financial Literacy International Conference hosted by the Russian G8 Presidency in Cooperation with the OECD. Financial Education and Economic Development, pp.1-34.

Jacob, K., Hudson, S., & Bush, M. (2010). Tools for survival: an analysis of financial literacy programs for lower-income families. Chicago: Woodstok Institute.

Koster, S. (2004). Spin off firms and individual start-ups. Are they really different?. 44 ERSA Conference.

Lizote, S. A., Simas, J., & Lana, J. (2012). Finanças pessoais: um estudo envolvendo os alunos de Ciências Contábeis de uma Instituição de Ensino Superior de Santa Catarina. Anais Simpósio De Excelência em Gestão e Tecnologia, Resende, Rio de Janeiro, Brasil, 9.

Recuperado em 13 janeiro, 2014, de http://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos12/10216156.pdf.

Lizote, S. A., & Verdinelli, M. (2014). Educação Financeira: um Estudo das Associações entre o Conhecimento sobre Finanças Pessoais e as Características dos Estudantes Universitários do Curso de Ciências Contábeis. Anais Congresso USP Controladoria e Contabilidade, São Paulo, SP, Brasil, 14. Recuperado em 13 novembro, 2014, de http://congressousp.fipecafi.org/web/artigos142014/442.pdf

Macedo Júnior, J. S. (2007). A árvore do dinheiro: guia para cultivar a sua independência financeira. Rio de Janeiro: Elsevier.

Mandell, L., & Klein, L. (2009). The Impact os Financial Literacy Education on Subsequent Financial Behavior. Journal of Financial Counseling and Planning, 20 (1). Recuperado em 13 maio, 2015, de http://www.afcpe.org/assets/pdf/lewis_mandell_linda_schmid_klein.pdf.

Martins, G. A. (2007). Manual para elaboração de monografias e dissertações. São Paulo: Atlas.

Martins, G.A., & Theóphilo, C. R. (2007). Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas. São Paulo: Atlas.

Mattar, F. N. (1994). Pesquisa de marketing: metodologia, planejamento, execução e análise. (2 ed). São Paulo: Atlas.

Medeiros, F. S. B., & Lopes, T. A. M. (2014). Finanças Pessoais: Um estudo com alunos do curso de ciências contábeis de uma IES privada de Santa Maria. Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios, Florianópolis, 7 (2), pp. 221-251.

Potrich, A. C. G., Vieira, K. M., & Ceretta, P. S. (2013). Nível de Alfabetização Financeira dos Estudantes Universitários: afinal, o que é relevante?. Revista Eletrônica de Ciência Administrativa, 12 (3), pp. 315-334.

Potrich, A. C. G., Vieira, K. M., & Paraboni, A. L. (2013). O que influencia a educação financeira de universitários. Anais Seminários de Administração, São Paulo, SP, Brasil, 16.

Richardson, R. J. (1999). Pesquisa social: métodos e técnicas. (3. Ed). São Paulo: Atlas.

Ross, S., Westerfield, R., & Jaffe, J. F. (1995). Administração financeira. São Paulo: Atlas.

Robb, C. A., & Sharpe, D. L. (2009). Effect of personal financial knowledge on college students' credit card behavior. Journal of Financial Counseling and Planning, 20 (1), pp. 25-40.

Saito, A. T. (2008). Uma contribuição ao desenvolvimento da educação em finanças no Brasil. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

Savoia, J. R. F., Saito, A. T., & Petroni, L. M. (2006). A educação financeiro no Brasil sob a ótica da Organização de cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Anais Seminário em Administração, São Paulo, SP, Brasil, 9.

Savoia, J. R., & Santana, F. (2007). Paradigmas da Educação Financeira no Brasil. Revista de Administração Pública, Rio de Janeiro, 41, (6), pp. 1121-1141. Recuperado em 13 maio, 2015, em http://www.scielo.br/pdf/rap/v41n6/06.pdf.

Securato, J. R. (2002). Análise e avaliação de risco: pessoas físicas e jurídicas. São Paulo: Editora Atlas.

Filho, J. (2003). Finanças Pessoais: Invista no seu futuro. Rio de Janeiro: Qualitymark.

Teixeira, E. F. (2010). Jovem Universitário e o Crédito. Revista Conversas e controvérsias, Porto Alegre, 1, (1), pp. 57-78.

Vieira, S. F. A., Bataglia, R. T. M., & Sereia, V. J. (2011). Educação financeira e decisões de consumo, investimento e poupança: uma análise dos alunos de uma universidade pública do norte do Paraná. Revista de Administração da UNIMEP**,** São Paulo, 9, (3), pp. 61-83. Recuperado em 29 novembro, 2014, em http://www.raunimep.com.br/ojs/index.php/regen/article/view/345.

Vilain, J. S. B., & Pereira, M. F. (2013). O impacto do status no planejamento financeiro pessoal: estudo de caso com os advogados de Florianópolis, Santa Catarina. Revista Gestão e Planejamento. Salvador, 14, (3), pp. 470-488. Recuperado em 30 novembro, 2014, em http://www.revistas.unifacs.br/index.php/rgb.

Volpe, R. P., Chen, H., & Pavlicko, J. J. (1996). Personal investment literacy among college students: a survey. Financial Practice and Education, 6 (2), pp. 86-94.

Volpe, R., Chen, H., & Liu, S. (2006). An analysis of the importance of personal finance topics and the level of knowledge possessed by working adults. Financial Services Review, 15, pp. 81-98.

Von Sohsten, C. (2004). Como cuidar bem do seu dinheiro: orçamento doméstico e planejamento das finanças pessoais: como controlar o dinheiro e viver sem dívidas: prosperidade e investimentos, construindo riqueza. Rio de Janeiro: Qualitymark.